Lux
Autor:
Mario Cuenca Sandoval
Resenhista:
Margareth Santos

Dividida em “fólios”, à maneira de uma longa confissão, *Lux* nos conta em paralelo a história de Marcelo Mosén, um professor de Direito com forte formação humanística, que ao perder o filho durante a pandemia, divorcia-se e, num curto espaço de tempo, se vê desempregado e despejado; e um partido de extrema direita, que dá nome à obra.

Em meio a essa queda livre pessoal, Mosén abraça os ideários de Lux, um movimento/partido populista que chega ao poder ao apelar para sentimentos e ações intolerantes (misóginas, sexistas e machistas) de seus cidadãos.

Marcelo, do alto de seu desejo por justificar-se a si e a Lux, se dirige à mãe de David, um ex-aluno seu. David, saberemos ao longo da narrativa, havia sido capturado, torturado e assassinado pelo regime de extrema direita Lux, que tomara o poder em um país chamado Espanha por vias democráticas num contexto pós-pandêmico.

À medida que a narração avança, acompanhamos a ascensão e queda de ambos: de um lado está Lux, que se acerca ao poder num primeiro momento através de alianças com o centro-direita e que chega definitivamente ao poder à custa de um discurso amparado por seu “Escudo pela moral”, em que o lema “ficar de pé em meio às ruínas” conforma todas as ações em prol dessa suposta moral: perseguição a imigrantes, negros e homossexuais. Ações que se acirram ao ponto de culminar nas “caças” às sextas-feiras (tão próximas às marchas nazistas), tortura e desaparecidos.

Do outro lado está o fato de que a estridência de tempos de violações dos direitos humanos e de discursos que justificam tais violações (e qualquer coincidência não é mera ficção) venham justamente desse professor que com calma, recursos de retórica, neologismos, arcaísmos e lances de erudição tente nos convencer da idoneidade de Lux.

Também é curioso o itinerário da aderência desse professor (que recalca sua sensibilidade a todo momento) a um regime totalitarista a partir de suas perdas, como se a perda fosse o vetor definidor da figura de um homem comum naquela Espanha pós-pandêmica.

Sem dúvida, esse panorama, que o romance constrói milimetricamente, assemelha-se ao horizonte precário que todos presenciamos na realidade circundante, em que miséria e rancores profundos são destilados todos os dias homeopaticamente de distintas formas e meios.

Mas, à revelia dos argumentos desse narrador que pretende justificar-se a todo custo, a obra indica uma saída, pois as mães, cujos filhos desapareceram durante o regime de Lux, tomam as rédeas da contestação e ao estilo das obstinadas *Mães da Plaza de Maio*, alcançam a derrocada do regime (por

mais que o narrador se ponha a relativizar a veemência e o papel dessas mulheres “histéricas”).

E nessa mistura de cinismo e suposta reflexão lógica se revela uma escritura em que o narrador assume o controle em uma cadência rítmica calculada e quase cinematográfica: imagens e palavras muito bem escolhidas nos lançam nesse mundo entre o verossímil e o profético, em que a perda assola um tempo e um espaço e em que vemos desatar-se o nó de ressentimentos acumulados, canalizados em redes sociais em uma era em que se compartilha extensamente “bílis, ira e temores”, que o romance explora à exaustão e de maneira exemplar. Sem dúvida, uma obra que nos interroga sobre muitas das questões prementes nos dias de hoje.